

**14779 - Lugar de mulher é na Feira Agroecológica: reconfigurações do espaço feminino em Santa Cruz da Baixa Verde - Brasil**

*Woman's place is in the Agroecological Fair: reconfiguration of feminist space in Santa Cruz da Baixa Verde - Brazil*

JALIL, Laetícia Medeiros<sup>1</sup>; SILVA, Fabiana Maria da<sup>2</sup>; EGGER, Daniela<sup>3</sup>; MORAES, Lorena Lima de<sup>4</sup>; CALVET, Patrícia<sup>5</sup>.

1 Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada – UFRPE/UAST, [laeticiajalil@gmail.com](mailto:laeticiajalil@gmail.com); 2 UFRPE/UAST, [feby\\_m@yahoo.com.br](mailto:feby_m@yahoo.com.br); 3 Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Escola de Formação de Professores, 4 UFRPE/UAST, [llorenamoraes@gmail.com](mailto:llorenamoraes@gmail.com), 5 Autarquia Educacional de Serra Talhada, Faculdade de Formação de Professores de Serra Talhada AESET/FAFOPST, [patcalvet@yahoo.com.br](mailto:patcalvet@yahoo.com.br)

**Resumo:** Essa sistematização descreve parte das ações realizadas pelo Núcleo de Estudos, Pesquisas e Práticas Agroecológicas do Semiárido - NEPPAS sobre a participação das mulheres trabalhadoras rurais em grupos produtivos no município de Santa Cruz da Baixa Verde-PE, Brasil e a inserção destas nos mercados, tal como a Feira Agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde – FASC existente há seis anos. Entre estes grupos, destaca-se o grupo de mulheres “Mulher Flor do Campo”, que atualmente transpassaram a esfera produtiva, passando “da participação para a atuação”, visto atualmente participam de espaços de formação repassando seus conhecimentos para outras agricultoras/grupos de mulheres. A feira, para estas, é um espaço não só de comercialização, mais de troca de experiências, de saberes. Configura-se, desta forma, como espaço determinante para “um novo fazer” pelas mulheres agricultoras em Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

**Palavras-Chave:** gênero, comercialização, organização produtiva; grupos produtivos de mulheres.

**Abstract:** This systematization describes part of actions of the Center for Studies, Research and Practice Agroecological of Semiarid - NEPPAS about the participation of rural women workers in productive groups in Santa Cruz da Baixa Verde-PE, Brazil and the inclusion of these in public spaces, such as the Santa Cruz da Baixa Verde Agroecological Fair – FASC, with six years of existence. Among these groups, there is the group of women "Mulher Flor do Campo" (Field Flower woman), currently pierced the productive sphere, passing "from the participation to the actuation", as currently participating in training spaces passing on their knowledge to other farmers/women groups. The fair, to them, is a space not only for marketing, but also for exchange of experiences, of knowledge. Set up in this way, as a space for determining "a new making" for women farmers in Santa Cruz da Baixa Verde-PE.

**Keywords:** politic actuation; farmer woman's group; participation.

## Contexto

Camponesas, trabalhadoras rurais, assentadas e sem-terra sempre tiveram uma participação ativa nas lutas por terra e por direitos no Brasil. Elizabeth Teixeira, Margarida Alves e Diolinda Alves de Souza, cada uma simbolizando tempos históricos diferenciados, são mulheres emblemáticas nas lutas por terra e por direitos no Brasil, diz-nos Regina Novaes (NOVAES, 1997). Enraizadas em um cotidiano no qual a opressão e a exploração de classe “davam o tom”, e, inseridas em uma conjuntura

em que os movimentos feministas e de mulheres, por uma série de razões, não conseguiram alcançá-las, essas lideranças e suas companheiras não incorporaram às lutas por terra e por direitos, questões específicas à sua condição de mulher, bem o sabemos. Contudo, foram como mulheres que lutaram e construíram a sua imagem pública. E essa não é uma questão irrelevante.

Elizabeth Teixeira simboliza a identidade e a mulher camponesa se insurgindo contra a “lei da chibata” e o poder privado. Margarida Alves, representa trabalhadores e trabalhadoras rurais em defesa da lei da Nação e do fortalecimento do espaço público como um dos espaços de construção de direitos e da democracia. Diolinda Alves de Souza, preocupada com a visibilidade das lutas por terra e por direitos e com a construção de fatos políticos.

Trabalhadoras e trabalhadores do campo, ao lutarem contra a concentração fundiária e por direitos se constituíram em sujeitos da luta contra as relações patriarcais hegemônicas e dominantes – base do monopólio fundiário e da violência como prática de classe. E as trabalhadoras do campo, nesse processo de luta, em inúmeras situações questionaram na prática as relações patriarcais presentes em seu cotidiano.

Com o processo de democratização do Brasil iniciado na década de 80, os movimentos sociais ressurgem com força contestatória, causando transformações tanto na vida política, como na ordem social e econômica. Perceber como as transformações no e do mundo rural tem se apresentado para os diversos sujeitos a partir deste contexto, é fundamental para compreender como este processo se configura numa nova ordem democrática, a partir da incorporação de novas demandas e do reconhecimento de novos sujeitos políticos, como o movimento autônomo de mulheres rurais.

É neste ambiente e no bojo das transformações políticas que, no Brasil, os movimentos de mulheres ganham força e significativa expressão nos processos de luta no campo e datam deste período as primeiras organizações formais com o objetivo de reivindicar o reconhecimento político de um estatuto profissional, bem como outros direitos sociais. (CARNEIRO, 1987). O feminismo passa a ser alternativa de prática política e argumentação teórica para o entendimento das questões específicas que envolvem a vida das mulheres, como as questões de gênero e a divisão sexual do trabalho e o patriarcado. A luta pela terra ganha força e as mulheres passam a ser sujeitos reconhecidos neste processo.

Esta luta complexifica-se com a incorporação de novas demandas ou “questões específicas”, tais como o questionamento à divisão sexual do trabalho, a violência sexista, a participação política das mulheres em sindicatos, partidos políticos, associações, levando a uma mudança não só de conteúdo das ações de luta, mas a forma como ações vão ocorrer, o que promove a resignificação das práticas de produção e reprodução social, levando a um questionamento do status quo, forçando a ampliação e redefinição dos espaços públicos, com o reconhecimento de diversos sujeitos

políticos na luta por acesso a bens e direitos, o que possibilita uma democratização do meio rural brasileiro.

No campo, sobretudo a partir da segunda metade dos anos de 1990 é cada vez mais significativa a mobilização de mulheres trabalhadoras rurais voltada para a defesa de seus direitos. Destacam-se a Articulação Nacional de Trabalhadoras Rurais em 1995 e a Marcha das Margaridas, “mobilização promovida em todos os estados do país, pela CONTAG, pelas Federações de Trabalhadores na Agricultura, pelos Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e pela Central Única dos Trabalhadores, em parceria com alguns movimentos de mulheres e movimentos feministas” (MEDEIROS, 2007). E é nesse contexto que descreveremos o surgimento e atuação de grupos de mulheres trabalhadoras rurais na cidade de Santa Cruz da Baixa Verde, localizada no Sertão do Pajeú (PE) e sua inserção em espaços como a Feira Agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde (FASC).

### **Descrição da experiência**

O NEPPAS fundamenta suas ações na Metodologia Participativa. Para tal, as ações são fundamentadas em experiências desenvolvidas anteriormente por Tavares de Lima (2005, 2006) e Bezerra Figueiredo (2006) que estabeleceram um diálogo de saberes a partir de leituras diferentes dos problemas e do encaminhamento de superação destes. Portanto, os sujeitos envolvidos participam de todas as etapas das ações, intervindo e modificando a mesma a partir de suas realidades.

A ação em questão fez parte de um projeto de extensão intitulado “*Participando sem medo de ser mulher*”, que no seu desenvolvimento nos mostrou a importância dos grupos para as mulheres e a nova dinâmica que a FASC imprimiu em suas vidas, portanto resolvemos relatar a respeito.

Foi realizada a princípio a identificação dos grupos produtivos de mulheres na cidade em questão, e essa identificação foi feita com o auxílio de um questionário fechado que foi entregue as mulheres trabalhadoras rurais em reuniões do Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável - CMDRS e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR, a fim de que as agricultoras presentes respondessem a esse questionário que possibilitou a realização de um mapeamento de todos os grupos produtivos existentes no município, na medida em que a partir delas, foi possível tanto identificar, como ter acesso aos grupos. Através dos questionários, foram identificados onze grupos de mulheres produtoras sendo sete informais e apenas quatro formais. Dentre os grupos formais, escolhemos descrever a atuação do grupo de mulheres “Mulher Flor do Campo” pela solidez de sua organização e as atividades produtivas que exercem; além disso, pelo histórico do próprio surgimento do grupo, que foi criado por mulheres que se reuniam no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Santa Cruz da Baixa Verde e com assessoria do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Sertão Central – MMTR/Sertão Central.

Segundo uma das lideranças do grupo, alguns dos motivos que levou a criação do mesmo inicialmente foi o reaproveitamento de produtos agrícolas existentes em suas propriedades, como frutas que se perdiam, diversificação da produção através de artesanato e culinária, e posteriormente a necessidade de se organizarem politicamente. Posteriormente o grupo passou a buscar o acesso a políticas públicas, o que demonstra uma maturidade em seu processo organizacional e o empoderamento destas.

E foi a partir desse conhecimento que a FASC foi organizada, que surge da demanda das próprias agricultoras que já comercializavam seus produtos informalmente (de porta em porta) ou via atravessadores. Em 2006 apoiadas pelo sindicato de trabalhadores rurais, pelo Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do sertão Central- MMTR e o Centro de Educação Comunitária Rural CECOR decidem organizar a feira.

## **Resultados**

Sabe-se que historicamente as mulheres foram excluídas da esfera pública (tanto na participação quanto nas decisões) e nos espaços de comercialização não foi diferente, na medida em que esta é “tarefa masculina” (vender e comprar) e desta forma, um espaço do poder masculino. Saber vender, negociar, sair de casa, trocar informações, saber das fofocas da rua, ter acesso ao dinheiro, todos são atributos dos homens. Às mulheres administravam o escasso recurso econômicos repassados para cuidar dos filhos/as, da casa, dos idosos, estando assim, submetidas ao poder masculino.

A partir de entrevistas e acompanhando em suas tarefas diárias, buscamos compreender em que medida a participação das mulheres na FASC contribui para uma reconfiguração do espaço das mulheres. A pesquisa demonstra que a Feira se configura num “*espaço feminino e agroecológico*”, fortalecendo a identidade e o projeto político do grupo, pois verifica-se a participação direta das agricultoras - desde a produção até a comercialização de produtos de base agroecológica, sendo reconhecida como um importante espaço de comercialização e sociabilidade, tanto para as mulheres, quanto para os consumidores/as.

Para além da feira, nos dias atuais, tanto o nível organizacional com o conhecimento político fazem com que essas mulheres acessem outros lugares, diferentes do inicial – a feira agroecológica, e passam de simples agricultoras para atoras de suas vidas e multiplicadoras de conhecimentos, o que acaba fortalecendo outros grupos de mulheres à medida que repassam o que sabem (não só no aspecto produtivo, mais também no aspecto político).

Para essas mulheres agricultoras e artesãs, organizar-se em grupo significa mais do que buscar um aumento na renda, e sim uma forma de ter seus valores plenamente reconhecidos, rompem com a cortina da invisibilidade, já que passam a ser reconhecidas como cidadãs e não só como apenas meras produtoras, o que lhes permite ter

acesso a mais recursos e autonomia para escolher o que fazer com estes, possibilitando ainda participarem de outros espaços de formação.

Quando questionada sobre o que mudou em sua vida destaca-se o depoimento de dona Edileuza da Silva: *“Adquiri experiências a partir de cursos de capacitação trazidos pela associação na discussão sobre segurança alimentar, treinamento para o cultivo de hortaliças, artesanato com palha de bananeira o que aumentou a renda, recebi também outros benefícios. Aprendi muita coisa boa. Valeu a pena deixar os afazeres domésticos algumas horas para participar das reuniões”*.

Quando questionadas sobre as mudanças ocorridas após participação no Grupo elas apontam uma maior valorização, reconhecimento nos espaços políticos e tomadas de decisões (antes ocupados apenas por homens), liberdade para saírem e viajarem, aquisição de novos conhecimentos e desnaturalização dos papéis tradicionais, principalmente o cuidado com os filhos, novos ciclos de amizade e lazer.

Pelos depoimentos pode-se perceber que essas mulheres começaram a ocupar um novo espaço na cidade Santa Cruz da Baixa Verde, espaço este antes tomado por homens, e que toda a experiência vivida tanto na feira, quanto em cursos de formação, oficinas, seminários para além de Santa Cruz tem fortalecido ainda mais esse espaço e reconfigurando-o, à medida que mais mulheres passam a ter conhecimento de seus direitos e ocupar o lugar que durante muito tempo lhes foi negado.

### **Agradecimentos**

Às Mulheres do Grupo Produtivo de Mulheres “Mulher Flor do Campo” e às mulheres que participam da Feira Agroecológica de Santa Cruz da Baixa Verde – FASC .

### **Referências bibliográficas:**

CARNEIRO, M. J.; LEVINAS, L. **Espaço adquirido / espaço permitido no contexto da Reforma agrária**. Relatório do 12º Encontro Temático – APIPSA. Campinas, 1987.

MEDEIROS, Leonilde Sérvolo. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE. 1989. MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de; SANTOS FILHO, J. R. . A questão sindical no IV Congresso da CONTAG. *Desvios*, São Paulo, v. 5, p. 70-85, 1986.

NOVAES, Regina Reyes. **De corpo e alma: catolicismo, classes sociais e conflitos no campo**. Grapha editora. Rio de Janeiro, 1997, 238p.